

IMPRES

Animação Popular
Caravana

redação provisória
para exame e crítica

ANIMAÇÃO POPULAR

1. Uma tentativa de conceituação

O termo Animação não se quer referir ao aspecto de um grupo movimentado, animado com barulho ou a novidade. Fazer Animação Popular não significa apenas levar o povo a recrear-se.

Fazemos Animação Popular quando o nosso contato com o povo atinge realmente as pessoas, fá-las descobrir seu valor, sua capacidade e, conseqüentemente comecem a sentir-se despertados para assumir o trabalho dentro de uma perspectiva comunitária.

O trabalho de animação, portanto, poderíamos dizer que seria o de manter vivo o diálogo, no sentido em que o analisamos. Assim, êle será válido na medida de nossa identificação e nossa autenticidade em relação ao trabalho do povo.

A expressão "Animação Popular" significa, estritamente, trabalho animado por elementos populares. No caso de trabalho educativo, serão elementos do povo que assumem e animam sua própria educação e os engajamentos consequentes.

Logo, a animação popular propriamente dita se atinge quando o trabalho é assumido por elementos do grupo ou da comunidade que se contata. Nossa interferência direta se verifica enquanto não se atinge aquêle ponto, ou depois, extraordinariamente, se fôr necessário algum contato para reforço de motivação, ou qualquer outra necessidade.

O importante, portanto, desde os nossos primeiros contatos é descobrir os elementos locais que vão funcionar como animadores populares.

2. Valor da animação popular

O valor da animação popular está na autenticidade do trabalho assumido pela própria comunidade, encabeçada por elementos seus; As modificações que forem feitas não o serão por elementos estra-

mos alguns:

No setor sanitário: atividades em relação à água, à alimentação, às vacinações, etc.

No setor agrícola: introdução de culturas diferentes, métodos nos primitivos, construção ou aquisição de alguns novos instrumentos de trabalho, de fácil manejo emprego de adubos e muitos outros.

No setor doméstico: puericultura, campanha de higienização das casas; organização de clubes de mães, firmados num sentido positivo e autêntico da missão da mulher no lar e na comunidade, no valor da família e sua função, face às perspectivas atuais.

No setor social recreativo: seriam desenvolvidos movimentos variados, estimulados e organizados os artigos populares, divulgadas as suas festas, músicas, esculturas, os seus versos; organizados grupos de jovens, de crianças, adultos, conforme seus interesses; desenvolvido o sentido construtivo do lazer e do tempo livre com a oportunidade de enriquecimento.

No setor sócio-econômico: poderiam os lavradores organizar-se em cooperativas, tratar do melhoramento de estradas; fazer contratos conjuntos de transporte, etc.

No setor escolar: exigência de escolas municipais ou criadas pelas comunidades com colaboração do poder público, para crianças e adultos; radicação e dinamização das escolas radiofônicas.

Na organização da classe: esclarecimento sobre os sindicatos, com seguindo participantes, organizando-os, dinamizando-os.

Um exemplo:

Como exemplo, podemos citar uma campanha de construção de fossas higiênicas. Liderados por um órgão federal, regional, ou local, quais as atitudes dos animadores locais?

- Entrar em contato com o órgão responsável pela campanha. Manter entendimentos, pedir informações detalhadas sobre o projeto da campanha, seus objetivos, área de ação prevista, possibilidades financeiras, etapas de ação, datas, etc.
- Conscientes do por quê da urgência de tal medida, os animadores, de comum acordo com os elementos da organização em questão e outros possíveis interessados, convocariam a comunidade, ajudando na divulgação da idéia, indo desde a explicação correta de suas necessidades até, se possível ao aspecto prático de uma construção. Ao mesmo tempo, o assunto seria utilizado como tema de debates e reflexões sobre a real situação local. Esta ação, não podendo ser considerada prioritária na análise crítica da realidade

brasileira, é válida como afirmação do direito do homem a um mínimo de condições de sobrevivência. Para tanto o animador:

- . estaria capacitado a exercer uma liderança conscientizante;
- . seria ajudado, se possível, por técnicos no assunto;
- . receberia juntamente com outros líderes da comunidade, treino prático.

Nesse trabalho haveria:

- . um assumir da comunidade,
- . uma cooperação de órgãos públicos,
- . uma modificação básica importantíssima na comunidade.

Esses exemplos não são novos, nem são padrões. Somente o trabalho concreto mostrará adequação ou inadequação de cada um deles.

5. Ação

O aspecto de ação é essencial na animação popular, porque:

- . Significa presença, no trabalho, da tônica de modificação e construção.
- . O trabalho educativo estaria falho se parasse na difusão de idéias. Propagar medidas de higiene, por exemplo, resulta em muito pouco. A ação conjunta em relação a um determinado aspecto é mais forte e eficiente para conseguir a criação de um novo hábito.
- . A própria psicologia do povo exige uma concretização do que se fala, sem cair no imediatismo. A Animação Popular tem que ser objetiva, ter atuação visível, com repercussões e consequências sensíveis. Vendo um trabalho concreto, prático, o grupo se empenha, se responsabiliza, assume. Cada participante tem certeza de que sua luta e seu esforço constroem.

De modo algum, no entanto, o trabalho se fecha no âmbito estrito da resolução simples de problemas imediatos, correndo o perigo de assumir um caráter paliativo. Ele se insere no contexto da luta pela transformação de estruturas, pela elaboração de esquemas mais humanos, sem o que seu sentido se esvazia.

Lembranos que é essencial o treino prático das comunidades para o trabalho conjunto, comunitário, enraizando os valores autênticos, que defendemos e a vivência comunitária, que progressivamente, abre horizontes, atingindo o homem rural a partir do que lhe é mais próximo, mais seu: sua família, seu povoado, seu município, seu Estado, seu país.

Sem êsse assumir de trabalhos cotidianos, menores, imediatos, o homem rural, que até agora nada assumiu, não se sentirá capaz nem participante de uma mudança de estrutura, mais distante, mais ampla, mais complexa, e que êle não vê. Precisa de, querendo a mudança, acostumar-se a ela, ser seu agente próximo, criar hábitos nesse sentido.

6. Seleção de animadores

É um aspecto importantíssimo do trabalho.

Se os primeiros contatos forem muito rápidos torna-se difícil essa seleção.

A descoberta das pessoas que terão condições de assumir mais intensamente o trabalho não pode ser feita sem levar em conta alguns critérios, pois pode comprometer a eficiência posterior do trabalho.

No decorrer dos contatos caravanas-povo já vimos que começam a ser observados e motivados os possíveis animadores.

Nos contatos diretos, vale logo que possível, que se passe a liderança para alguns deles, no sentido de se afirmarem perante o grupo, testar sua influência, etc.

Devemos dar oportunidade de a comunidade mesma indicar as pessoas que ficarão mais responsáveis por tal trabalho, ou vão participar de um treinamento. Devemos, porém observar os critérios dessa indicação mostrando as exigências para a escolha de um bom responsável. Por vezes, a comunidade escolhe certos tipos tradicionais de líderes ou os "donos do lugar", ou a pessoa que tem mais fama de sabida.

Precisamos levar muito em conta aspectos como idade, possibilidade de aceitação de modificação lideradas por tais pessoas, comportamento ideal, distinção dos outros por sua atuação. O que conta mais é a capacidade de assumir mudanças, saber manter a boa atividade de um grupo, a sensibilidade e identificação com a problemática do meio.

Os possíveis animadores são então escolhidos, com a comunidade para um treinamento que pode ser também seletivo, e que confirmará as possibilidades efetivas do trabalho de cada um.

7. Treinamento de animadores locais.

Descobertos e motivados, os elementos são treinados para, de acordo com suas opções, assumirem progressivamente todo o trabalho.

Os treinamentos podem ser mais gerais ou mais específicos, conforme cada caso, conforme as deliberações e necessidade das comunidades. Pode ter duas partes, uma teórica e outra prática.

O importante é que o treinamento: desenvolva a atitude crítica dos participantes, acentue a mística de mudança, fundada numa mística de valores, coloque os treinandos conscientes e criticamente diante da realidade brasileira, suas exigências, suas lutas, abrindo também caminho para uma visão do mundo, desenvolva a capacidade de animação, garanta uma dinâmica de grupo para todo o trabalho, estimule e aperfeiçoe lideranças autênticas e técnicas de comunicação, prepare imediatamente para engagements concretos.

É preciso prevêr que conteúdo, assuntos e técnicas consigam atingir os objetivos. A parte técnica deve ser estudada para não só se adaptar aos temas e trabalhos, mas perseguir progressivamente, suas finalidades formativas.

Precisamos ter a preocupação de não dar ao treinando uma perspectiva de formação só intelectual. É preciso que ele atinja hábitos e atitudes, esquemas de raciocínio. O treinamento, sendo talvez, a principal peça desse sistema de trabalho, deve atingir a vida dos seus participantes, ocasionando-lhes o suficiente impacto para uma vida nova.

A parte específica do treino deve ser bem prática, podendo ser escolhido qualquer campo: sindical, cooperativista, agrícola, sanitário etc.

Os programas de cada treinamento podem variar enormemente. Dêles as equipes estaduais e locais têm grandes experiências.

8. Assessoramento posterior

Voltando à comunidade, os animadores locais assumem o trabalho educativo, sob o aspecto de ação. Trabalham através de reuniões, contatos, campanhas, experiências concretas.

Nosso trabalho, como responsáveis, será o de supervisionar, trocar idéias, coordenar o trabalho com outras entidades, refletir em torno dos trabalhos feitos, dos programas, dos planos, conjuntos para determinada área.

É essencial que nesse trabalho tenhamos a preocupação de não assumir o trabalho dos animadores locais; não devemos substituí-los na preparação e programação do trabalho, na direção de reuniões, na resolução de problemas. Nossa atuação será no sentido de intensificar as condições para que eles assumam, sempre.

É necessário ser preparado, com os próprios animadores locais, um programa sistemático de visitas, encontros, estudos, revisões, planejamentos, para que eles contem efetivamente, com um assessoramento programado e permanente, e tenham o necessário para sua segurança e continuidade no trabalho.

C A R A V A N A S

1. Colocação inicial

As caravanas surgem no MEB, ao lado do sistema radioeducativo, para desenvolver e intensificar a perspectiva de diálogo e de autoconscientização, dentro do trabalho educativo em que nos empenhamos, já que elas partem para a concretização da animação popular.

Formamos uma CARAVANA quando temos um grupo de pessoas que se desloca de uma comunidade para outra, a fim de dialogar com pessoas e grupos do meio, despertando-os para a necessidade de educação e participação ativa no desenvolvimento brasileiro.

2. Características

As caravanas caracterizam-se por:

- . manter um contato direto e periódico com o povo;
- . visarem, essencialmente, um diálogo, enriquecedor de todas as partes;
- . funcionar em todos os trabalhos como um grupo. Não há soma de trabalhos isolados mas uma equipe que planeja, executa o trabalho e faz revisões.

2.1 contato direto

É essencial o contato direto, pois é preciso conhecer o povo, as pessoas. Saber o porquê de seu modo de pensar, de viver, conhecer seus problemas, costumes e convicções, perceber seu grau de conscientização.

Não nos interessa, portanto, só conhecer dados frios da realidade seguindo um esquema rígido. Não devemos funcionar, nesse estudo da comunidade, como "recenseadores".

Também é preciso que nos dêmos a conhecer. Para haver trabalho educativo é preciso haver confiança. Para haver confiança é preciso dar-se a conhecer mutuamente. Nossos contatos não podem ser só funcionais, mas deve haver uma base de relacionamento de amizade.

É sempre importante dar oportunidade às pessoas da comunidade de expressar o que sentem e o que pensam:

- para o nosso enriquecimento. Não é verdadeiro que o grupo rural, por exemplo, mesmo vivendo em condições muito precárias, só pensa em coisas ultrapassadas que precisam ser substituídas, pois o homem é sempre capaz de pensar e sentir em profundidade.
- Porque só a partir da tonada de consciência do que eles mesmos possuem como realidade exterior e interior, de seus condicionamentos, visões, atitudes podem refletir sobre eles e reformulá-los, se fôr o caso, a partir de outros aspectos das cobertas;
- Porque não há posições por reformular. É preciso que o grupo as conscientize também, analise o seu valor, veja a inserção de valores mais altos, defendendo-as como parte de sua cultura. // Por vezes, há pensamentos lucidíssimos que precisam ser incorporados ao patrimônio do grupo todo.

2.2. diálogo

Concluimos que nosso contato é sempre um diálogo. De diálogo não devemos guardar só a impressão de duas ou muitas pessoas falando. Isso é um aspecto exterior que não diz nada do conteúdo. Diálogo implica em criação, troca de vivências; não é um sistema mecânico de perguntas e respostas. Deve haver interesse dos participantes, participação ativa, contribuições conscientes; cada um assume e dá de si; há crescimento para todos.

Não é fácil dialogar. É evidente que os primeiros contatos com um grupo são ainda um diálogo perfeito; são mais um relacionamento, um reconhecimento inicial. O diálogo mesmo só vai aparecer mais rapidamente na medida de nossa capacidade de comunicação. Dando-nos, no trabalho, o diálogo será mais fácil. Assim, um trabalho feito de modo frio, funcionalmente, cresce pouco, custa a enraizar-se. É preciso que nos empenhemos nele.

Um contato feito com um grupo muito grande dificulta se não impossibilita o diálogo. É pouco educativo, porque é difícil a comunicação. Muitas vezes, porém, ele é necessário. Não podemos é ficar só, ou preferencialmente, nesse tipo de contato:

É importante desenvolvermos com o povo as mais variadas formas de expressão. Estimulando a participação de todos, levando à reflexão, pode-se projetar e fixar contribuições e conclusões. Usando variados recursos audiovisuais proporcionaremos ao povo um contato mais direto com meios modernos de divulgação.

Precisamos almentar oportunidades em que se valorizem, estimulem, experimentem, descubram valores, formas novas, no campo

do teatro popular, da música, da poesia, do cinema, das artes plásticas e outros, estimulando o povo para elaborações desse tipo.

No nosso esforço de identificação, ganhamos progressivamente perspectivas mais populares, de sorte que, no campo do teatro, por exemplo, procuraremos fazer teatro verdadeiramente popular evitando a perspectiva de teatro feito "para" o povo. Ele o será na medida em que encarne valores realmente populares.

Nesse sentido, é válido que também essas formas ganhem uma dimensão de diálogo. Ainda no campo do teatro, podemos considerar responsáveis pela distância expectadores-espetáculo, as apresentações distantes, só para o povo assistir. No nosso contato direto precisamos procurar meios que estabeleçam o diálogo nas próprias apresentações, ou que todas sejam seguidas de debates, pois tiveram por objetivo ser ponto de partida para tal.

2.3 função imediata do diálogo

A função imediata do diálogo é:

- efetivar a animação popular, iniciando, provocando, estimulando e desenvolvendo todas as formas válidas de liderança, para, numa segunda etapa, assessorar o trabalho de animadores populares locais;
- porém numa fase inicial, (os caravaneiros) assumem a animação no trabalho com o grupo ou comunidade.

3. Observações, reflexões e sugestões práticas

De tudo o que está sendo pensado, estudado e experimentado em relação ao trabalho de Caravanas, podemos sugerir alguns pontos para novas experiências.

Sabemos já, em síntese, que as Caravanas, se constituem de grupos de pessoas que contatam diretamente as comunidades, visando uma troca, tentando dinamizá-las, usando todos os meios de comunicação possíveis, desenvolvendo formas de expressão, animando-as a um trabalho engajado, assumido pelos seus próprios líderes.

Vemos assim, que há necessidade de vários passos para sua organização.

3.1 escolha de pessoal

Evidentemente, para um trabalho dessa ordem, é necessário pessoal disponível, em número suficiente, para atingir as áreas programadas. Devem-se procurar voluntários, para integrar Caravanas. Podem ser estudantes, universitários ou secundaristas pessoas do próprio meio, de entidades ou organismos que funcionem junto aos meios onde se vai atuar; enfim, pessoas que desejem integrar-se em um trabalho voluntário, com a perspec-

tiva que tem as Caravanas.

Muitas vezes essas pessoas já se encontram organizadas em grupos com os quais nos podemos entrosar e trabalhar.

Em reuniões provocadas, encontros ocasionais e várias outras oportunidades, podemos conversar com pessoas e grupos; motivando-os para o trabalho, começando daí a organização de um grupo de caravaneiros.

É importantíssimo que essas pessoas tenham ou adquiram condições mínimas de segurança e fundamentação em relação aos assuntos, problemas e métodos, implicados no trabalho, além de capacidade e disponibilidade para dialogar com povo, acreditando nas possibilidades, e no valor desse povo.

O pessoal voluntário das Caravanas fica sob orientação direta dos Supervisores.

3.2 preparação do pessoal

Tendo um grupo interessado, podemos pensar numa preparação necessária, que inclui:

- motivação
- treinamento
- reuniões
- dias de estudos

Dada a seriedade do trabalho, de compromisso com o povo, na medida em que contactamos uma comunidade, só poderão ser selecionados para o trabalho pessoas que assumam a responsabilidade de atender às exigências da programação a ser feita.

A preparação tem uma fase inicial, antes de ser iniciado o trabalho. O essencial do que poderemos chamar a formação dos caravaneiros, encontrar-se-á em todo o desenvolvimento dos programas, na linha da formação na ação respeitando um mínimo de técnicas próprias para trabalho direto com o povo, e do crescimento que a troca com as bases proporciona.

3.3 organização dos grupos de caravaneiros

O número de integrantes do grupo pode variar, segundo as possibilidades: 4,5 em média, ou 7,8. O importante é que só se planeje o que as pessoas que assumem, são capazes de realizar. As responsabilidades devem ser divididas com todos os participantes; que nunca haja trabalho para alguns e passeio e diversão para outros.

O grupo tem que ter em comum a perspectiva educativa. Para isso, tem que desenvolver qualidades de animação, presença de espírito, iniciativa, capacidade de enfrentar emergências, etc. Para isso, ainda, tem que esforçar-se por identificar-se com o povo, adaptando-se.

É essencial que os componentes do grupo tenham entre si certa unidade ideológica e, se empenhem por uma autenticidade em relação aos objetivos que se propõem, que são os objetivos do movimento (MEB).

3.4 material

Equipamento útil ao trabalho:

- . meios de transporte;
- . material audiovisual: toca discos, discos, altofalantes, gravador, fitas, projetor, dispositivos, cartazes, quadros, material impresso, mimeógrafo;
- . conforme as condições das áreas, material mínimo para acomodação e alimentação: canas de campanha ou rédes, depósitos para comida, garrafa térmica;
- . bibliografia para estudo: pesquisas locais do folclore, p.ex.;
- . material de escritório necessário para reuniões, planejamentos, revisões, confecção de cartazes.

É importante que o material com que a Caravana conte para o seu contato direto com o povo, principalmente o material de acomodação pessoal, não seja inteiramente desadaptado, estranho, que venha chocar a comunidade.

4. O trabalho em si

Depois do treinamento, o grupo começa a reunir-se, para programar o trabalho, estudando e determinando:

- . os objetivos imediatos que concretizem as linhas gerais;
- . as comunidades a contactar, os critérios de escolha dessas comunidades;
- . o tempo necessário para contatos periódicos ou esporádicos;
- . que conhecimento das áreas é possível ter antes do primeiro contato (se é numa área onde já trabalhamos, não há problemas; se não, prever como o grupo vai aparecer na comunidade);
- . prever como entrar em ação, principalmente nos primeiros contatos: contatos domiciliares, com grupos, com toda a população, com pessoas isoladas.

4.1 preparação

Além desses aspectos gerais, o grupo tem que se deter, refletidamente, antes de cada contato, preparando, para cada um, o conteúdo, as técnicas e os recursos e a divisão de tarefas.

4.1.1 conteúdo

É preciso saber o que se quer em cada contato. É fundamental ter presente que se quer animar um trabalho educativo. Quanto ao conteúdo, não se trata de padronizar para todos uma mesma descoberta. Precisamos, porém, ter uma visão definida dos valores que informarão o debate, que estarão presentes, qualquer que seja o centro de interesse da discussão. Este pode ser definido pelo grupo participante no começo do contato.

Ter uma visão dos assuntos que terão relação com o encaminhamento do trabalho, para que possa haver uma preparação intelectual de cada responsável da Caravana.

Não é possível termos um contato com o povo à base de chavões. Precisamos de segurança em pontos-chaves como: cultura, valores da pessoa, trabalho, realidade brasileira, problemas de estrutura. Não podemos bitolar o trabalho, mas ter uma margem prevista de possibilidade de atuação. De nossa parte, é exigida honestidade para não debatermos com o grupo um assunto que desconhecemos.

4.1.2 técnicas e recursos

Dos meios que podemos lançar mão, temos que escolher e preparar quais os que vão ser utilizados. Muita coisa pode ser lembrada:

. Não adianta só prever, materialmente, qual cartaz, qual fita, qual música. É essencial estudar como usar o material, que função tem, como se manuseia, qual o momento em que deve ser empregado, o mais eficiente de acordo com o grupo a ser contactado, o cinema ou a projeção fixa atendem bem a um grupo grande, funcionam num contato com toda uma comunidade, servindo também para grupos menores, cartazes, albuns seriados, funcionam mais em grupos pequenos; um gravador só é bem aproveitado em contatos grandes, se for conjugado com o alto-falante.

. Num grupo muito grande, os que ficam mais longe têm pouca possibilidade de ver e ouvir e, conseqüentemente, de participar, desinteressando-se. É comum vermos pequenas "rodas" que se vão formando lateralmente ao grupo, motivadas, em parte, pela pouca participação. Precisamos procurar sempre criar condições adequadas, respeitando todo o grupo.

. O alto-falante funciona muito como ajuda à motivação embora

um microfone possa intimidar. Vale para atingir um número grande e também para projetar contribuições, opiniões, conclusões, cantos, versos, histórias. Com o gravador se podem levar e trazer depoimentos, músicas, regionalismos, cânticos, desafios. Na animação popular, estes aspectos são valiosíssimos.

. Quando se fala em projetar, não significa só tocar, ou cantar, ou aprender e dizer o que é bonito gravar. Se nos preocupamos, por exemplo, com uma gravação, em detrimento do resto, corremos o risco de trocar o essencial pelo que é instrumento. O importante é analisar, discutir o valor, o significado, o aspecto artístico, o conteúdo.

É útil, quando possível, conhecer antes o material com que se vai trabalhar, para termos elementos de análise, na hora. A prática e o enriquecimento que os contatos provocam, servem-nos de base para assumir os muitos casos que surgem sem previsão nossa.

. Os debates devem partir de uma contribuição local, uma projeção, uma música, poesias, teatro, juris simulados, programas de rádio. (Podemos conjugar dois ou mais elementos).

4.1.3 divisão de tarefas

Outro aspecto imprescindível é que cada um saiba o que vai fazer. Vale escolher um ou dois responsáveis, para animação do grupo, que garantam a objetividade da conversa, a participação de todos. Outros podem-se espalhar pelo grupo, se forem muitos. Não vale fazer "panelinha". No esforço para se identificarem, é bom que se distribuam e participem do debate em igualdade de condições. Essa igualdade quer dizer não termos posições diferentes, não sermos donos da jogada, não falarmos mais que os outros. Não vale haver "ping-pong" entre caravaneiros, nem indecisão da parte deles, na hora de coordenar, responder, debater. Isso denotaria insegurança, falta de preparação, de atitude séria no trabalho.

É preciso prever a responsabilidade pelo material a ser utilizado. Não é possível que, durante os contatos, se deixe de ter quem liga o toca-discos, quem maneja o gravador, quem não deixa gritar o alto-falante. Os desarranjos, as demoras, denotam desorganização e desviam a atenção do grupo, naturalmente já meio curioso com alguns aparelhos que não tem o costume de ver de perto.

4.2 atuação

Durante os contactos, na animação do diálogo, vale lembrar que:

- as reuniões não devem ter a aparência de um "espetáculo", no sentido de que a maioria assiste passiva ao que o grupo pequeno faz;
- o conteúdo do trabalho deve-se impor de forma que impeça que a aparência dos contatos da caravana seja a de "barulho de estudante", "circo", "festa de auditório".

É essencial o cuidado que devemos ter com a linguagem e as atitudes. O povo é muito mais observador do que podemos prever e choca-se com facilidade com um comportamento de superioridade ou um comportamento leviano. Vale manter um relacionamento humano, simples, que crie um clima de confiança e abertura.

O debate deve ser centralizado num ponto de interesse de todos. Não devemos atender só a quem está mais próximo ou parar num aspecto que nos interesse pessoalmente. Claro que há assuntos mais gerais ou mais específicos, mas é preciso garantir que o interesse e a participação de todos sejam reais, dinamizando os depoimentos numa linha de "porquês" e "para que!"

Os contatos iniciais, que podem ser mais ou menos prolongados - em número e em duração - conforme cada realidade, tentaria:

- Alcançar o conhecimento do meio, sem ficar numa conversa só de constatação. Se caminhamos na descoberta da realidade local, não vale perguntar e só constatar. Temos que entrar na análise do que é falado e partir para perspectivas novas. Se só constatamos, praticamente nada resultou daquele contato para os moradores. É preciso que haja reflexão, descobertas, conclusões.
- Descobrir possíveis animadores.
- Despertar um sentido novo, construtivo, em torno de valores, o espírito de luta; deve haver sempre um elan positivo, uma disposição afirmativa, não numa base sentimental e ingenua, mas educativa, de afirmação do homem e sua destinação para a luta, no caso a luta brasileira, com as exigências que cada dia se apresentam.
- Descobrir os trabalhos que podem ser desenvolvidos na comunidade, atendendo a necessidade ou as aspirações do povo, canalizando suas possibilidades.

Por isso, esses contatos devem-se encaminhar garantindo uma linha de continuidade, de trabalho, com os grupos que mais se interessarem. Daí não significar nada, para o trabalho, reunir nos 100, 200 pessoas noviciadas, se são apenas curiosas, que vão "ouvir", "repetir", ou responder, timidamente, ao que perguntamos. Não vamos à comunidade conseguir adeptos para nossos trabalhos.

A partir daí, começam os passos necessários para a seleção, preparação e atuação dos animadores, já estudados.

A Caravana tem então mais oportunidades de iniciar contatos em novas comunidades, ficando, porém, responsável pelo assessoria

mento dos trabalhos concebidos, pela garantia do entusiasmo e da motivação dos animadores locais.

5. Caravana e sistema radioeducativo

Se procurarmos o "histórico" do "projeto-caravanas" veremos que ele resultou de uma exigência do sistema radioeducativo. Por outro lado, um trabalho de Caravanas tem dificuldades sérias, se não impossibilidade de funcionar bem, desligado de um sistema radioeducativo.

Na realidade, o perigo que corre o rádio, de dialogar pouco, pode ser superado, em grande parte, organizando-se Caravanas para alguns ou todos os contatos diretos que o sistema radioeducativo de área, radicação de escolas, supervisão. Poderemos dar um caráter bastante mais dinâmico a esses trabalhos.

Intensificando o diálogo, as Caravanas podem buscar um conhecimento mais vivo da realidade, das pessoas, dos valores, das necessidades, das aspirações e da possibilidade de compreensão. Isso é imprescindível para que a linguagem e os programas do rádio se adequem ao real. Esse conhecimento é feito tanto no estudo de área, quanto em contatos posteriores, que aumentam a nossa identificação com as comunidades.

Também na linha do diálogo, as Caravanas, aprofundando o trabalho do rádio, enraízam mais a troca de valores, essencial no processo educativo. As Caravanas podem, em alguns lugares, fazer experiências (e sistematizá-las depois, se for o caso) de ir às comunidades ou às escolas debater diretamente alguns programas de rádio. Nessa altura teremos muito mais oportunidade de integrar toda a riqueza de contribuições do próprio povo no processo educativo que animamos. Com essa experiência poderemos:

- testar a validade do programa, a adaptação, a linguagem, a dosagem do conteúdo e outros pontos;
- trazer para o rádio as reações do pessoal face ao programa: raciocínios, comparações, aplicações, conclusões;
- estudar que pontos precisam ser colocados, ou reformulados, e continuados, planejar melhor como dar continuidade aos programas, as conseqüências práticas que terão, etc.

A radicação de escolas, feita com grupos de caravaneiros espalhados em vários lugares, fornecerá elementos para atingir melhor as comunidades e dar uma visão mais ampla de todo o trabalho. Os caravaneiros, podem atingir vários grupos, vários pontos de uma mesma comunidade, e fazer reuniões com grupos grandes mais animadas e organizadas.

Os monitores poderão ser autênticos animadores populares. Os treinamentos de monitores podem mais e mais acentuar a linha que já vem sendo adotada: de maior dinamismo e perspectiva mais ampla do trabalho a ser feito, dando o sentido do seu engajamento.

O monitor-animador deverá estar disposto para fazer a animação da comunidade em qualquer campo de trabalho que se faça necessário. Nos treinamentos de monitores, talvez a prática de monitoria não devesse ser a parte central mas ser uma parte específica, insistindo-se antes, muito mais, no aspecto de animação da comunidade, no engajamento na luta, e em outros pontos básicos.

As visitas de supervisão - algumas - feitas juntamente com Caravanas, teriam o mesmo resultado: atingiriam mais a comunidade, no sentido vertical e no horizontal. Sobretudo, efetivariam as possibilidades de a supervisão não se prender à escola, de reunião e discussão com a comunidade, lançando para todos as mensagens dos programas. Seria a oportunidade para uma politização mais intensa (troca de idéias sobre momento nacional, por exemplo).

Os monitores, sentindo-se responsáveis pela animação da comunidade e por todo o trabalho, poderão organizar-se depois em "unidades" ou "caravanas" para o próprio trabalho de radicação e supervisão. Disso já têm boas experiências as equipes de Goiânia e Natal. Experiências como essas comprovam a validade do trabalho de base assumido por animadores locais.

Da mesma forma, as Caravanas, ao iniciarem ou intensificarem qualquer trabalho numa área, precisam do rádio para animá-lo e garantir a sua continuidade. A experiência, no Maranhão, onde o IEBB ainda não conta com emissora, ressaltava-se dessa falta. Especialmente:

- Pelo rádio deverão ser transmitidos programas especiais para animadores.
- O rádio garante uma certa presença nossa, estimulando e apoiando o trabalho. Áreas que não podem ser contactadas muito frequentemente, correm o perigo de desanimar, se não tiverem este estímulo.
- Pelo rádio poderão ser estimuladas campanhas que os animadores estiverem desenvolvendo.
- Rádio será o grande responsável pela difusão do trabalho feito nas diversas áreas, ajudando a sua aceitação e criando um clima favorável a novas idéias e a novos programas.

* * * *